

Crónica 198 DA ESCRAVIDÃO PERPÉTUA

“A escravidão não é coisa do passado e nunca foi tão lucrativa”.

O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, especialista em tráfico de pessoas e escravidão, temas que leciona na Universidade de **Harvard**. **Não há mais ninguém nos estados cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado. A estimativa é que existam hoje mais de 50 milhões de pessoas em 162 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Em 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas nestas condições em 50 países.**

Mas afinal de que escravidão falamos? a generalizada e comum “Nunca ninguém foi verdadeiramente livre” por mais que a história existisse, como nas graças 1961-1999, em que mais liberdadezinha houve no mundo ocidental. Sempre houve normas e convenções, mas a humanidade esteve dependente dos designios da minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, da fixação do horário de trabalho, à remuneração, recompensa por bom comportamento dos súbditos, até à existência ou não de tempos de lazer, se tal não afetar a capacidade produtiva. Ninguém escapa à engrenagem, nem os que vivem off-the-grid (fora da rede), pois necessitam de bens produzidos pelo sistema ao qual se aderiu “barter”, nem sempre possível.

Os desprovidos são os desempregados, sem-abrigo e os que fugiram ao ciclo produtivo, com liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viver à sombra da bananeira, numa ilha deserta, rica para a alimentação, vestuário e outras necessidades. Só é possível em literatura de ficção. Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor, desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à **transformação a respeito dos critérios que produzem a riqueza e a vida de “pão e circo (panem et circenses)” que vem das mudanças de fidelidade e de jogos de pontos de vista pela máfia do dinheiro, anestesiando as massas e criando escape a sentimentos reprimidos.**



Na Líbia séc. 21

Aborígenes australianos em cativo séc. XIX-XX.



Head chains were sometimes used for a Natives under Prison Sentence, up to 3 years or more, 24 hours a day

Basta averiguar o mito das férias que perpetuam a escravatura consumista. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar, caso contrário, nem subsídio de férias.

Se (por ex.º) viver na Lomba da Maia, sem dinheiro extra nem carro, vai a pé 4 km até à Praia da Viola e chamará a isso férias, ou aproveitará o tempo para cuidar da casa, pintá-la ou renová-la com o seu trabalho e chama a isso de férias.

Se vai para fora (cá dentro ou lá fora) de férias e já entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes da invenção a que chamam dinheiro. Endividou-se para estudar, então trabalhe, para reembolsar a banca, que sobrevive explorando-o a si e aos demais.

Se pensa que não é um escravo, pense na vida dos seus antepassados e verá como é apto o título desta crónica.

Se pensa que os donos disto tudo são livres, desengane-se, sem nós, escravos perpétuos, nada são e têm de se certificar de que há escravos (como nós), para manterem o sistema a funcionar. Por mais oleado o esquema, precisam de inventar continuamente de novas normas e retribuições, para que a roda dentada da engrenagem funcione e dê lucros, maiores. Até eles são escravos da escravatura que impõem aos outros. Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de inventarem o dinheiro? Não há relatos.

Os poetas, sonhadores, escritores, enganam-se pensando que são livres, só na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade.

Chrys Chrystello, drchryschrystelllo@journalist.com
Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
[Australian Journalists' Association - MEEA]



Diário dos Açores (desde 2018)
Diário de Trás-os-Montes (desde 2005)
Tribuna das Ilhas (desde 2019)
Jornal LusoPress Québec, Canadá (desde 2020)
Jornal do Pico (desde 2021)
